

TREINAMENTO PARA PROFESSORES SOBRE ENVELHECIMENTO: uma revisão de escopo

Jéssica Dellalibera dos Santos¹
Karina de Lima Flauzino²
Meire Cachioni³

Resumo

Com o objetivo de mapear os treinamentos existentes em educação para o envelhecimento para professores da educação básica, foi realizada uma revisão de escopo, em oito bases de dados eletrônicas em listas de referências, a fim de examinar como os programas de treinamentos para os professores estão sendo conduzidos no campo da educação para o envelhecimento. De 1.090 registros iniciais, a síntese foi composta por 8 artigos científicos, que apresentaram as características mais frequentes dos treinamentos em termos de tipo de treinamento, duração, material didático utilizado, instrutores dos treinamentos, conteúdos, entre outros. Verifica-se que não há consenso em relação à estrutura metodológica e didática dos programas de treinamento em educação para o envelhecimento. Em conclusão, os treinamentos devem ser realizados atendendo às necessidades da população longeva e às políticas de educação básica vigentes, compreendendo que, para avaliar o impacto dos treinamentos, é necessário o desenvolvimento de instrumentos próprios para essa finalidade, bem como metodologias que atendam aos interesses e necessidades dos professores de educação básica. Principalmente, devem-se desenvolver atitudes positivas em relação à velhice e ao envelhecimento.

Palavras-chave: Educação básica. Educação para o envelhecimento. Professores. Revisão de escopo. Treinamento.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Psicóloga pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2777288309587524> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1159-5073> E-mail: jessica.dellalibera@hotmail.com

² Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Especialista em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais (EACH-USP). Graduada em Gerontologia (EACH-USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4638409032741540> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8062-3336> E-mail: karinageronto@gmail.com

³ Professora associada da Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo - Brasil. Pós-doutora em Gerontologia pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto - Portugal (UP) e em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em Gerontologia e mestra em Educação pela mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0974903520016451> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5220-410X> E-mail: meirec@usp.br

TEACHER TRAINING ON AGING: a scoping review

Abstract

In order to map existing training on aging education for basic education teachers, a scoping review was conducted on eight electronic databases in reference lists to examine how training programs for teachers are being implemented in the field of education for aging. From 1,090 initial records, the synthesis was composed of 8 scientific articles, which presented the most frequent characteristics of training in terms of type of training, duration, didactic material used, training instructors, contents, among others. It appears that there is no consensus regarding the methodological and didactic structure of training programs in education for aging. In conclusion, the training must be carried out taking into account the needs of the long-lived population and the current basic education policies, understanding that, in order to evaluate the impact of the training, it is necessary to develop instruments suitable for this purpose, as well as methodologies that meet the interests and needs of the basic education teachers. Mainly, one should develop positive attitudes towards old age and aging.

Keywords: Basic education; Education for aging. Teachers. Scoping Review. Training.

FORMACIÓN DE DOCENTES SOBRE EL ENVEJECIMIENTO: una revisión del alcance

Resumen

Con el fin de mapear la capacitación existente sobre educación para el envejecimiento para maestros de educación básica, se realizó una revisión de alcance en ocho bases de datos electrónicas en listas de referencia para examinar cómo se están implementando los programas de capacitación para maestros en el campo de la educación para el envejecimiento. A partir de 1.090 registros iniciales, la síntesis estuvo compuesta por 8 artículos científicos, que presentaron las características más frecuentes de la formación en cuanto a tipo de formación, duración, material didáctico utilizado, formadores de formadores, contenidos, entre otros. Parece que no hay consenso en cuanto a la estructura metodológica y didáctica de los programas de formación en educación para la tercera edad. En conclusión, la formación debe realizarse teniendo en cuenta las necesidades de la población longeva y las políticas de educación básica vigentes, entendiendo que, para evaluar el impacto de la formación, es necesario desarrollar instrumentos adecuados para tal fin, así como metodologías que respondan a los intereses y necesidades de los docentes de educación básica. Principalmente, se deben desarrollar actitudes positivas hacia la vejez y el envejecimiento.

Palabras clave: Educación básica. Educación para el envejecimiento. Maestros. Revisión del alcance. Capacitación.

INTRODUÇÃO

A educação para o envelhecimento compõe um dos três pilares da gerontologia educacional. Pode ser definida como intervenções e programas que possibilitam à sociedade reconhecer perspectivas em relação às pessoas idosas e ao próprio processo de envelhecimento (Peterson, 1990; Todaro; Cachioni, 2022). Enquanto os demais pilares da gerontologia educacional destinam-se à atuação com pessoas idosas e à formação de recursos humanos, o foco da educação para o envelhecimento é promover mudanças na compreensão que a sociedade tem a respeito do envelhecimento (Neri, 2014), por meio do fornecimento de informações sobre essa temática.

Mesmo que o processo de envelhecimento seja heterogêneo e multidimensional, o que é comum a todos os seres humanos é a pretensão de uma vida saudável e longa (Organização Mundial da Saúde, 2015). Mas, para que possamos efetivar essa pretensão, é necessário um aprendizado ao longo de toda a vida (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Aprendemos em todos os espaços que estamos inseridos, tais como na família, na escola e nos espaços sociais (Delors *et al.*, 1996). A educação é a maneira pela qual aprendemos a conviver em sociedade e a respeitar nossa cultura, nos transformando e transformando a sociedade (Wimsatt, 2001).

A importância social da educação para o envelhecimento é destacada por diversos documentos oficiais, como Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994), Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Brasil, 2006), Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), Constituição Federal (Brasil, 1988), entre outros.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021a), o preconceito e a discriminação em relação à idade, o *ageism* (Butler, 1969), deve ser enfrentado (WHO, 2021b). Quanto mais cedo se tem acesso aos conteúdos provenientes da educação para o envelhecimento, menor será o *ageism* (McGuire, 2017).

A partir da promoção da educação para o envelhecimento, é possível minimizar a discriminação contra pessoas idosas, possibilitando uma melhor qualidade de vida (Peterson, 1976).

Mesmo que a educação para o envelhecimento não esteja de maneira intencional e sistemática nos ambientes que frequentamos, não deixamos de aprender sobre o envelhecimento. Porém, muitas vezes, esse aprendizado ocorre de maneira a evidenciar crenças e atitudes negativas sobre o envelhecimento e a velhice (McGuire, 2017).

Esse tipo de preconceito não impacta apenas pessoas idosas, mas todas as gerações, uma vez que todos estamos envelhecendo e podemos interiorizar as atitudes negativas em relação ao nosso próprio processo de envelhecimento e prever maior ansiedade quanto ao envelhecimento, independentemente da idade (Ramírez; Palacios-Espinosa, 2016; Silva *et al.*, 2021). Os impactos da prática do *ageism* podem ser de natureza econômica, social e de saúde (Levy *et al.*, 2022; WHO, 2021c), o que se tornou mais evidente durante a pandemia da COVID-19 (Reuben; Indran; Liu, 2022).

Apesar de ser expresso mundialmente, o *ageism* pode variar de acordo com a cultura, sobretudo em relação à posição que a pessoa idosa ocupa na sociedade. O *ageism*, tal como outros tipos de preconceito, é, portanto, aprendido (APA, 2020; WHO, 2021b).

Por ser um tipo de preconceito comum na sociedade, o *ageism* torna-se menos perceptível e é facilmente reproduzido (Levy, 2009). Dessa maneira, a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs uma campanha para erradicar o *ageism* em uma perspectiva global (Organização Pan-Americana da Saúde, 2022).

O preconceito em relação à idade é evidenciado desde a infância (Vauclair *et al.*, 2018). Mas é possível, também, que nessa mesma fase ensinemos às crianças a respeito desse processo, de maneira a superar crenças e atitudes negativas, além do medo de envelhecer (McGuire; Klein; Couper, 2005). O ensino sobre o envelhecimento para a mudança de crenças e atitudes, assim como as práticas informativas e formativas, constituem os fundamentos da educação para o envelhecimento (Cachioni, 2018).

A gerontologia educacional destaca a importância da inserção da educação para o envelhecimento nos currículos da educação básica, uma vez que, conforme as crianças envelhecem, mais negativas se tornam as crenças e atitudes em relação à velhice e ao envelhecimento (Kaya *et al.*, 2014; McGuire, 2017).

No âmbito da educação formal, um dos profissionais que medeia o processo de aprendizagem é o professor. A proposta da ONU (WHO, 2021a) da Agenda 2030, voltada ao desenvolvimento sustentável, é baseada em uma educação de qualidade. Para tanto, pretende investir em formação e qualificação de professores.

Em face da necessidade de promover um ensino sobre o envelhecimento, foi instituída no Brasil, no ano de 2022, a Política de Educação para o Envelhecimento, por meio do Decreto n. 2.037, de 29 de junho de 2022, do estado de Santa Catarina. Em complemento, foi desenvolvido o Caderno dessa política (Santa Catarina, 2022), que contém cinco capítulos os quais explicam sobre o envelhecimento e seu processo, políticas públicas em vigor sobre a temática, a intersecção entre educação e envelhecimento, as relações intergeracionais, o estabelecimento de parcerias que as escolas podem buscar, bem como instruem o desenvolvimento de ações nas escolas de educação básica.

Ao todo, 14 instituições e entidades públicas, nos âmbitos municipal, estadual e federal, representantes de diversas áreas (como Educação, Direitos Humanos, Saúde e Gerontologia) elaboraram de maneira coletiva as informações contidas nesses cinco capítulos. As instituições participantes foram: Secretaria de Estado de Educação de Santa Catarina; Conselho Estadual de Educação; Secretaria de Saúde; Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social; União dos Dirigentes Municipais de Educação; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal da Fronteira Sul; Universidade do Estado de Santa Catarina; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina; Instituto Federal Catarinense; Conselho Estadual do Idoso; Conselho Estadual das Populações Afrodescendentes; Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros; e Associação Nacional de Gerontologia.

Essa política é relevante por consistir em uma diretriz pioneira no país a respeito dessa temática, uma vez que no campo da Gerontologia pesquisadores destacam a importância da educação para o envelhecimento na elaboração de políticas públicas (Alves; Vianna, 2010) e no currículo escolar (Albuquerque; Cachioni, 2013).

Para que haja a implementação de uma política educacional nas escolas de educação básica, é necessário compreender o cotidiano de cada escola, a formação dos professores e a prática pedagógica desenvolvida por eles (Gomes; Colares, 2019). Assim, a participação dos professores é fundamental no processo de implementação, em termos de elaboração de diferentes ações e práticas (Jardilino; Sampaio, 2019). Portanto, a implementação da temática sobre envelhecimento no ensino básico depende da sensibilização que o professor promoverá em seus alunos quanto a essa temática, sendo necessário, primeiramente, que o próprio professor seja sensibilizado (Cachioni; Todaro, 2021), uma vez que a postura e a prática do docente não são consideradas neutras (Andrade; Felipe; Medeiros, 2020).

Dessa maneira, se o professor tem crenças e atitudes negativas diante do envelhecimento e da velhice, será essa perspectiva que ensinará a seus alunos (Yamashiro, 2018). Além disso, os livros infantis e didáticos podem conter estereótipos negativos em relação à velhice e ao envelhecimento, o que pode interferir nas crenças e atitudes dos alunos quanto à temática (Abecassis, 2018; Aguiar, 2018; Simonetti, 2016). Portanto, os professores devem receber formação a respeito dessa temática antes de desenvolvê-la com seus alunos (Yamashiro, 2018).

A educação para o envelhecimento pode ser uma das estratégias para minimizar o preconceito etário. Entre tantos locais possíveis para promover a educação para o envelhecimento, a escola é indicada, por ser um lugar de encontro da diversidade de raças, etnias, culturas, credos, entre outros. Na escola, é possível, por meio da discussão sobre o tema do envelhecimento e da velhice, propiciar convivência intergeracional e promover o respeito mútuo (Arroyo, 2004).

Porém, a principal barreira de sua implementação na educação básica é que os professores não têm conhecimento para ensinar sobre o tema do envelhecimento (Lichtenstein *et al.*, 2001), uma vez que não receberam esse tipo de formação específica. Então, como desenvolvê-la? Será que existe um consenso metodológico ou métodos mais eficazes em relação a outros? Uma vez que uma das diretrizes da Política de Educação para o Envelhecimento proposta pelo estado de Santa Catarina é formar professores para incentivar essa temática nas práticas de ensino, bem como desenvolver materiais didático-pedagógicos específicos (Santa Catarina, 2022), de que maneira deveria ocorrer essa formação e quais materiais deveriam ser disponibilizados?

Esta revisão de escopo objetivou identificar a estrutura metodológica e didática dos programas de treinamento em educação para o envelhecimento e, também, verificar as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento dos treinamentos aos professores.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão de escopo desenvolvida a partir das diretrizes metodológicas do manual do Joanna Briggs Institute (JBI) (Peters *et al.*, 2020) e do *guideline* Preferred Reporting Items for Systematic for Scoping Reviews and Meta-Analysis (PRISMA-ScR) (Tricco *et al.*, 2018).

Utilizando o mapeamento das evidências e a estrutura que esse tipo de revisão pode oferecer (Arksey; O'Malley, 2005), examinaram-se os treinamentos proporcionados aos professores de educação básica sobre educação para o envelhecimento. O protocolo da revisão de escopo foi publicado (Santos; Flauzino; Cachioni, 2022a) e também está registrado na plataforma Open Science Framework (Santos; Flauzino; Cachioni, 2022b).

Critérios de inclusão e exclusão

A pesquisa incluiu artigos acadêmicos, teses de doutorado, dissertações de mestrado, capítulos de livro, documentos governamentais, recomendações políticas, relatórios e anais de congresso. Estudos com diferentes abordagens metodológicas (qualitativos, quantitativos e mistos), desenhos de pesquisa

(descritivo, correlacional, semiexperimental e experimental) e tipos (observacionais e estudos intervencionais) também foram considerados.

Foi utilizado o acrônimo PCC. Participantes: professores da rede básica do ensino formal, o que compreende a educação infantil, fundamental e média; Conceito: educação sobre o envelhecimento, com o fornecimento de informações sobre as questões que envolvem o processo de envelhecimento e as condições da população idosa (Peterson, 1976); Contexto: programas de treinamento destinados aos professores, com objetivo de informar e sensibilizar sobre as condições de vida das pessoas mais velhas e as questões que envolvem o envelhecimento.

Os critérios de exclusão foram outros tipos de evidências, tais como: cartas ao editor, resenhas, editorial de periódicos acadêmicos e artigos de *websites*, além de evidências que não corresponderam aos critérios do acrônimo PCC.

Estratégia de busca

Foram consideradas as fontes de evidências publicadas e não publicadas (literatura cinza) nos idiomas inglês, português e espanhol, sem qualquer restrição de limite temporal.

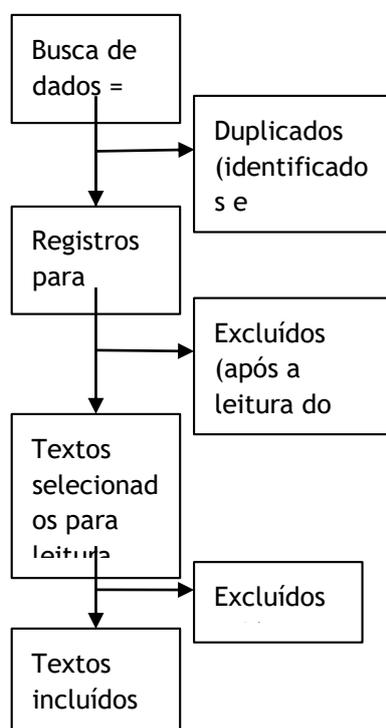
As bases de dados eletrônicas escolhidas para esta revisão de escopo foram: Education Resources Information Center (ERIC), AgeLine (EBSCO), PubMed, Web of Science, Scopus, SciELO, Open Gray, Open Access Theses and Dissertations e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As palavras-chave e os termos relacionados foram escolhidos considerando a literatura sobre o tema de pesquisa, o dicionário de sinônimos da base de dados ERIC e os descritores do Medical Subject Headings (MeSH) e do vocábulo Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Assim, as palavras-chave foram alinhadas ao acrônimo PCC desta maneira: Professor (População); Educação para o envelhecimento (Conceito) e Treinamento (Contexto). Os termos relacionados de cada palavra-chave foram combinados com o operador booleano OR, e, em seguida, os três conjuntos foram combinados com o

operador booleano AND. Para realizar as etapas da revisão, foi utilizado o aplicativo Rayyan (Ouzzani *et al.*, 2016).

RESULTADOS

A busca de evidências nas 8 bases de dados eletrônicas resultou em 1.372 registros (Figura 1): Education Resources Information Center (ERIC) - 174, AgeLine (EBSCO) - 127, PubMed - 70, Web of Science - 180, Scopus - 576, SciELO - 12, Open Access Theses and Dissertations - 84 e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) - 149. Após a exclusão de 282 registros duplicados das bases de dados, 1.090 foram selecionados para a análise de títulos e resumos. Por fim, 24 foram classificados como elegíveis para o presente estudo, dos quais 16 foram excluídos após a leitura na íntegra pelos seguintes motivos: duplicados n=1, população errada n=3, não abrangiam o conceito n=1, não abrangiam o contexto n=1, não houve treinamento n=1, escritos em outro idioma n=2, não encontrados na íntegra n=7. Ao final desse processo, 8 artigos foram incluídos na revisão para a síntese descritiva, detalhados na Tabela 1.

Figura 1- Fluxograma baseado no modelo PRISMA com os resultados da seleção dos textos



Quadro 1 - Extração dos dados incluídos na revisão (n=8)

Autor (Ano)	Título	Tipo de documento	Amostra/ Público-Alvo (n)	Localização	Estratégia pedagógica	Dificuldades
Ball State Univ. (1973)	Ball State University Teacher Education Program on Aging. Interim Report	Relatório parcial	35 professores do ensino elementar e secundário	IN/EUA	Workshop, consultas individuais (visitas a cada participante) e encontros no <i>campus</i> da Universidade.	Necessidade de mais materiais instrucionais.
Peters (1981)	Teaching and learning about aging. Evaluation Report	Relatório de avaliação	33 professores (grupo experimental + 2 assistentes de biblioteca e um clérigo). E 32 professores (grupo controle)	Acton (MA/EUA)	Não informado.	Brevidade do curso.
Pratt (1981)	What's it all about?	Relatório parcial	120 professores	Acton (MA/EUA)	Os planos curriculares são testados em campo, avaliados e revisados conforme necessário, e então disponibilizados gratuitamente para outros professores no local. O projeto TLA ajuda os professores a identificar e recrutar antigos voluntários da comunidade. Esses voluntários servem como recursos de história oral,	Não informado.

					auxiliares de sala de aula ou tutores, demonstradores de habilidades ou ofícios e até mesmo como co-aprendizagem com os alunos.	
Lyons <i>et al.</i> (1985)	Developing intergenerational programs jointly with the aging and child care networks in Pennsylvania. Final Report and Executive Summary	Relatório final	178 participantes (85 pessoas eram de agências que atendem crianças, 87 de agências que atendem idosos, provenientes de 6 agências que atendem crianças e pessoas idosas)	Pittsburgh (PA/EUA)	Treino, consultas telefônicas e oficinas de acompanhamento (duas oficinas de apoio de acompanhamento para cada grupo de treinamento, totalizando 10 oficinas realizadas 9 meses depois do treinamento).	Não informado.
Briggs <i>et al.</i> (1987)	Teaching aging: a series of training modules on aging for educators	Relatório parcial	300 professores-estagiários	Tampa (FL/EUA)	Treinamento com módulos instrucionais. Cada um fornece ao facilitador/instrutor um plano de aula, objetivos instrucionais e apresentação detalhada.	Não informado.
Lucchino; Lane; Ferguson (1997)	Aging content in elementary and secondary school curriculum	Artigo científico	120 professores	Utica (NY/EUA)	Palestras, discussão em grupos, filmes, compartilhamento de experiências, discussões informais, viagens de	Pouco interesse no tema por parte dos professores.

					campo à comunidade e encontros intergeracionais, portfólio ao final do treinamento.	
Krout; Wasyliv (2002)	Infusing gerontology into grades 7-12 social studies curricula	Artigo científico	6 professores de estudos sociais	Ithaca (NY/EUA)	Os professores determinaram a natureza das atividades de infusão. Apoio e recursos eram fornecidos para a inserção.	Agendar um horário para o encontro com os professores e ausência de instrumento desenvolvido especificamente para avaliar a eficácia das abordagens de infusão de Gerontologia ou planos de aula.
Pruski et al. (2004)	The stealth gerontology™ program: training teachers to infuse aging and age-related content into public school classrooms	Artigo científico	100 professores	San Antonio (TX/EUA)	Inserção da temática de envelhecimento a partir dos conteúdos já existentes no currículo.	A sobrecarga do professor; a certificação ser válida apenas em nível local; a rotatividade de professores na escola e/ou de ensino, função ou área.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Em relação aos tipos de documentos mapeados nesta revisão, as evidências corresponderam a: artigo científico (37,5%), relatório parcial (37,5%), relatório de avaliação (12,5%) e relatório final (12,5%). Observamos a concentração geográfica das publicações nos EUA.

Tabela 1 - Características descritivas dos estudos incluídos na revisão (n=8)

Variáveis	n	%
Tipo de treinamento		
Workshop	1	12,5

Treinamento em serviço	2	25
Reuniões	1	12,5
Misto (mais de um tipo)	4	50
Tempo de duração		
Horas	2	25
Dias	2	25
Semanas	1	12,5
Meses	2	25
Anos	1	12,5
Instrutores do treinamento		
Professores de graduação	6	75
Não informado	2	25
Material didático		
Organização própria	3	37,5
Recursos impressos e audiovisuais	2	25
Misto	1	12,5
Não informado	2	25
Produção do treinamento		
Site	1	12,5
Lista e material didático	1	12,5
Livro	1	12,5
Implementação no currículo	1	12,5
Não informado	4	50
Instrumento de avaliação		
Sim	1	12,5
Não	7	87,5

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

Os treinamentos realizados desenvolveram as seguintes metodologias: *workshop*, treinamento em serviço, interação intergeracional em sala de aula, visitas de campo e estágio acadêmico, sendo que treinamento misto

representou a principal estratégia pedagógica utilizada (50%). Os treinamentos mistos foram compostos por: estágio acadêmico e *workshop* (25%), treinamento em serviço e *workshop* (25%), treinamento em serviço, *workshop* e visitas de campo (25%) e treinamento em serviço e interação em sala de aula (25%).

A duração dos treinamentos variou entre horas - 21 e 30 horas, correspondendo a 25% dos treinamentos; dias - 2 e 4 dias, correspondendo a 25% dos treinamentos; meses - 3 e 6 meses, correspondendo a 25% dos treinamentos; e anos - 3 anos, correspondendo a 12,5% dos treinamentos. Os instrutores desses treinamentos foram formados por professores, pesquisadores universitários e estagiários de graduação. O treinamento de menor duração obteve menor impacto nos professores participantes (Briggs *et al.*, 1987).

A predominância quanto ao material didático utilizado nos treinamentos correspondeu à organização própria (37,5%). Em relação à estrutura metodológica dos treinamentos, verifica-se variabilidade de métodos. Os mais utilizados foram minipalestras, exercícios de *brainstorm*, apresentações audiovisuais com discussão sobre tópicos relacionados ao envelhecimento, dramatizações, discussões em grupo, *workshops*, modelos de ensino, assistência individual e exercícios de preparação de planos de aula. Os participantes receberam um guia facilitador e leituras sugeridas e prepararam materiais escritos que serviriam como um recurso contínuo para eles enquanto prosseguiam na implementação de seus planos de aula. O material didático misto (12,5%) era composto de materiais de inserção da Gerontologia na educação básica, cópias de livros sobre Gerontologia e cópias de materiais gerados pelos professores para distribuição em classe. Além disso, as informações correspondentes aos tópicos solicitados pelos professores no treinamento foram reunidas em apostilas.

Os assuntos abordados no treinamento sobre educação para o envelhecimento foram: processo de envelhecimento e pessoas idosas (37,5%); perspectivas histórica e cultural sobre o envelhecimento, questões econômicas e políticas associadas ao envelhecimento, e alternativas do futuro (25%); conceito (12,5%); elaboração de planos para a inserção de informações sobre o

envelhecimento no currículo escolar (12,5%); e atitudes sobre o envelhecimento (12,5%).

Figura 2 - Nuvem de palavras com os temas abordados nos treinamentos



Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

Em relação à avaliação das evidências, o treinamento de Briggs *et al.* (1987) não identificou diferença nas atitudes considerando pré e pós-teste e grupo controle. Os instrumentos utilizados com os professores foram Paltmore Facts on Aging (Quiz I e II) para educadores. Esse foi o único treinamento que indicou a utilização de instrumentos (12,5%). Nos demais treinamentos (87,5%), não foram citados instrumentos.

Após os treinamentos houve produções por parte dos professores, tais como: a) lista de materiais didáticos (12,5%) com conceitos relacionados ao envelhecimento e sugestões de atividades de aprendizagem e pesquisa para os quatro níveis: primário, intermediário, ensino fundamental e médio; b) livro de referência (12,5%) para professores, que continha uma análise sobre “Idade na Literatura”, uma bibliografia comentada de literatura sobre envelhecimento categorizada por níveis de escolaridade e planos curriculares para professores; c) criação de um *site* (12,5%), que inclui planos de aula e outras atividades sobre inserção de Gerontologia em estudos sociais; d) inclusão de temas relacionados ao envelhecimento no currículo (12,5%).

A respeito das dificuldades encontradas, destaca-se a necessidade do uso de materiais instrucionais e um treinamento com duração adequada de tempo para que haja diferença significativa entre grupo experimental e controle. Ademais, foram citadas como dificuldades: a) a ausência de instrumento desenvolvido especificamente para avaliar a eficácia das abordagens de infusão de Gerontologia ou planos de aula; b) a possibilidade de sobrecarregar o professor individualmente com tantas demandas que deve incluir no currículo; c) a certificação não ser válida em nível estadual e, sim, local; d) a rotatividade de professores, que mudam de escola e/ou de ensino a cada ano; e) a rotatividade de professores em termos de função (série, escolas dentro de um distrito) ou de área.

DISCUSSÃO

Entre os objetivos identificados nas evidências, verifica-se o interesse em inserir nos currículos escolares informações a respeito do processo de envelhecimento e da velhice. Para tanto, torna-se necessário auxiliar professores a adquirirem conhecimento e compreensão da temática para possibilitar que desenvolvam planos de aula voltados à inserção da temática de educação para o envelhecimento nos currículos escolares (Chin-Shan, 2012). Porém, somente deter esse tipo de conhecimento não basta. É preciso desenvolver atitudes positivas sobre o envelhecimento (WHO, 2021b). Conhecimento correto e atitudes correlacionam-se diretamente com a inserção dos conteúdos nos currículos, pois os professores estarão mais propensos a ensinar sobre o tema (Chin-Shan, 2012).

As atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento podem ser desenvolvidas por meio da participação de pessoas idosas em atividades em sala de aula com os professores (Briggs *et al.*, 1987), isto é, através do contato intergeracional (Pratt, 1981).

A respeito das unidades temáticas apresentadas na Figura 2, verifica-se que os temas intergeracionalidade e implementação foram pouco abordados. Julga-se importante abordar e praticar a intergeracionalidade, pois esse tipo de contato traz benefícios e abertura para o diálogo acerca do isolamento social

e de estereótipos geracionais, o que pode proporcionar experiências de aprendizagem aos alunos, professores e comunidade (Ye; Yarosh, 2019). Quanto ao tema implementação, tendo em conta que o resultado esperado dos treinamentos seja a implementação de seus conteúdos na educação básica, considera-se relevante tratar desse tópico durante os treinamentos, para que haja maior efetivação de sua inserção.

Com base no mapeamento realizado, identifica-se que as instituições provedoras dos treinamentos estavam predominantemente localizadas nos EUA, provavelmente por ser esse o local de origem da gerontologia educacional. Analisando os anos dessas produções, constata-se a ausência de publicações recentes sobre treinamentos realizados em educação para o envelhecimento na educação básica. Os mais recentes são de 2002 e 2004. Pode-se considerar, portanto, que há escassez ou ausência de treinamentos voltados a professores da educação básica ou, ainda, que pouco se discute a respeito da temática de envelhecimento e idade adulta na educação formal (Levy, 2018; Marshall, 2015).

A variabilidade dos métodos encontrados nos programas de treinamentos com os professores pressupõe a complexidade da temática do envelhecimento. Os professores foram convidados a identificar e a refletir sobre diferentes perspectivas práticas relativas às questões que envolvem o processo de envelhecimento e a velhice.

Em relação aos temas de maior destaque - envelhecimento e seu processo -, foram ensinados tópicos sobre anatomia, saúde e doenças. Esse tipo de conteúdo pode beneficiar os participantes a não associarem envelhecimento com doenças, além de ensinar sobre hábitos saudáveis para manter a independência ao longo de toda a vida (Lichtenstein *et al.*, 2003). Ademais, implementar essas unidades pode proporcionar o combate ao *ageism* (Dunham; Casadonte, 2009; WHO, 2021c). É fundamental destacar a importância do ensino desses conteúdos e estimular as relações intergeracionais, considerando que muitos indivíduos chegam à velhice sem receber educação formal sobre o envelhecimento ou orientação antecipada sobre o processo de envelhecimento (Chin-Shan, 2012).

Apesar das dificuldades encontradas no desenvolvimento dos treinamentos - principalmente em relação a tempo (curta duração em alguns treinamentos), avaliação frágil (em decorrência da ausência de instrumentos eficazes para avaliar os treinamentos, ou, ainda, ausência de qualquer instrumento), certificação (válida apenas em nível local, para os treinamentos que forneciam certificação) e desmotivação de outros professores que não se interessam pelo tema -, destaca-se que incorporar a temática de educação para o envelhecimento na educação formal é benéfico, urgente e fundamental, sendo necessário desenvolver estratégias para a sua implementação (Davis; Soka, 2019; Pruski *et al.*, 2004).

Para a promoção de uma educação para o envelhecimento, devem-se considerar as características individuais e coletivas dos educandos e educadores, tais como sexo, gênero, idade, escolaridade, arranjo familiar, cultura, território em que está inserido. Dessa maneira, não é possível unificar uma única metodologia. Cada educador deverá adaptar os conteúdos caso a caso. Esses conteúdos não precisam substituir os já existentes no currículo, mas podem ser somados a eles (McGuire, 2017).

Identifica-se como proposta de ação futura no treinamento de Lucchino, Lane e Ferguson (1997) que uma das ações a serem desenvolvidas para minimizar as atitudes negativas em relação ao envelhecimento é inserir a educação para o envelhecimento nos currículos do jardim de infância ao ensino médio, pois desde os anos iniciais as crianças evidenciam atitudes preconceituosas em relação à idade, e essas atitudes são barreiras para a promoção do envelhecimento saudável (McGuire, 2021; WHO, 2021b).

É importante desenvolver a autoconsciência das próprias atitudes dos professores em relação ao envelhecimento, pois são essas atitudes que contribuem para o que é transmitido e compartilhado com as crianças (McGuire, 2021; Sargent-Cox, 2017; Sweetland; Volmert; O'Neil, 2017; Wellner; Spadafora, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão de escopo serviu para mapear as evidências sobre treinamento em educação para o envelhecimento na educação básica e sua estrutura. Pretendeu-se determinar as melhores práticas de treinamento. Apesar do consenso da importância da educação para o envelhecimento ao longo de toda a vida - principalmente quando iniciada na infância, a fim de minimizar estereótipos em relação ao envelhecimento -, a partir do mapeamento realizado, pode-se verificar que há poucos treinamentos publicados na área de educação para o envelhecimento voltados aos professores da educação básica e, portanto, educação formal. Além disso, constatou-se a ausência de instrumentos desenvolvidos especificamente para avaliar a eficácia da inserção da Gerontologia ou de planos de aula com base nos treinamentos mapeados, sendo necessário, assim, o seu desenvolvimento em estudos futuros.

Os treinamentos possibilitaram o desenvolvimento e a implementação de planos de aula voltados à educação para o envelhecimento, maior compreensão sobre o processo de envelhecimento, atitudes positivas a respeito da velhice e do envelhecimento. Com isso, possibilitaram maior compreensão do impacto das escolhas saudáveis nos âmbitos pessoal e profissional.

Com um maior conhecimento sobre o envelhecimento, os professores podem expandir seu repertório de habilidades de ensino, desenvolvendo suas próprias abordagens para integrar o envelhecimento ao currículo existente.

Menciona-se como exemplo o fato de que atualmente no Brasil ainda não há uma abordagem em nível nacional que contemple o envelhecimento no currículo da educação básica, mas uma iniciativa foi proposta no estado de Santa Catarina, com a publicação do Caderno da Política de Educação para o Envelhecimento. A fase de implementação dessa política na educação básica é prevista para o ano de 2023 (Santa Catarina, 2022).

Apesar de identificarmos que a promoção e o desenvolvimento dos treinamentos devem considerar as características do grupo ao qual se destinam, entendemos que, se houver investimentos nessa área de formação, conseguiremos identificar quais são as estruturas metodológicas mais robustas e os melhores instrumentos para avaliar a eficácia das intervenções, bem como as dificuldades encontradas nesse tipo de treinamento. Assim, o estudo dessa

temática pode ser implementado com maior intencionalidade e expressividade nos currículos da educação básica em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

ABECASSIS, Neiva Farias. **Literatura infantil e as doenças na velhice: uma análise pelo viés pedagógico e formativo para o ensino fundamental**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018. Disponível em:

<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1750>. Acesso em: 16 dez. 2022.

AGUIAR, Lílian Rodrigues de Melo de. **Identidades etárias e livro didático de inglês: um olhar crítico sobre representações do envelhecimento**. 2018.

Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/34534>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ALBUQUERQUE, Marília Silva; CACHIONI, Meire. Pensando a gerontologia no ensino fundamental. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 141-163, 2013.

Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i3p141-163>. Acesso em: 6 jun. 2023.

ALVES, Vicente Paulo; VIANNA, Lucy Gomes. Políticas públicas para a educação gerontológica na perspectiva da inserção social do idoso: desafios e possibilidades. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 489-510, 2010. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0104-40362010000300005>. Acesso em: 6 jun. 2023.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **APA Resolution on Ageism**. Washington: APA, 2020. Disponível em:

<https://www.apa.org/about/policy/resolution-ageism.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ANDRADE, Ana Carolina; FELIPE, Edimáisson; MEDEIROS, Simone Alves. Da pedagogia tradicional a uma aprendizagem significativa: ações inovadoras que fazem a diferença na vida do aluno. **Episteme Transversalis**, Volta Redonda, v. 11, n. 2, p. 69-95, 2020. Disponível em:

<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/2146>. Acesso em: 6 jun. 2023.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 65-86.

BALL STATE UNIVERSITY. **Ball State University Teacher Education Program on Aging**. Interim Report. Washington: Administration on Aging, 1973. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED089090>. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1994.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

BRIGGS, Halaine-Sherin *et al.* **Teaching aging: A Series of Training Modules on Aging for Educators**. Tampa: University of South Florida, Center for Applied Gerontology, 1987. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED295085.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

BUTLER, Robert Neil. Age-ism: another form of bigotry. **Gerontologist**, New York, v. 9, n. 4, p. 243-246, 1969. Disponível em: https://doi.org/10.1093/geront/9.4_Part_1.243. Acesso em: 16 dez. 2022.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2018.

CACHIONI, Meire; TODARO, Monica Ávila. **Política nacional do idoso: reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal**. Rio de Janeiro: IPEA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9085>. Acesso em: 6 jun. 2023.

CHIN-SHAN, Huang. A study of elementary and secondary teacher knowledge and attitudes toward aging and the implementation of aging education in Taiwan. **Educational Gerontology**, [s. l.], v. 38, n. 11, p. 812-823, 2012.

Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03601277.2011.645446>. Acesso em: 16 dez. 2022.

DAVIS, Tracy; SOKAN, Amanda. What about aging? Perspectives from high school teachers and students on integrating aging into the high school curriculum. **Gerontology & Geriatrics Education**, London, v. 40, n. 4, p. 480-490, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02701960.2019.1652822>. Acesso em: 16 dez. 2022.

DELORS, Jacques *et al.* **Learning: the treasure within**. Paris: UNESCO, 1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590>. Acesso em: 16 dez. 2022.

DUNHAM, Charlotte Chorn; CASADONTE, Dominick. Children's attitudes and classroom interaction in an intergenerational education program. **Educational Gerontology**, [s. l.], v. 35, n. 5, p. 453-464, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03601270802605473>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GOMES, Tânia Castro; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. A política de educação integral em tempo integral: a perspectiva dos professores. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 31, p. 313-332, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i31.4675>. Acesso em: 6 jun. 2023.

JARDILINO, José Rubens Lima; SAMPAIO, Ana Maria Mendes. Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. **Educação Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 10, p. 180-194, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25053/redufor.v4i10.848>. Acesso em: 6 jun. 2023.

KAYA, Gokhan *et al.* Aging education in elementary textbooks. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, [s. l.], v. 116, p. 3030-3037, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.702>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KROUT, John; WASYLIW, Zenon. Infusing gerontology into grades 7-12 social studies curricula. **The Gerontologist**, Washington, v. 42, n. 3, p. 387-391, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/42.3.387>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LEVY, Becca. Stereotype embodiment: a psychological approach to aging. **Current Directions in Psychological Science**, Washington, v. 18, n. 6, p. 332-336, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01662.x>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LEVY, Sheri. Toward reducing ageism: PEACE (positive education about aging and contact experiences) model. **The Gerontologist**, Washington, v. 58, n. 2, p. 226-232, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/gnw116>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LEVY, Sheri *et al.* The worldwide ageism crisis. **Journal of Social Issues**, Washington, v. 78, n. 4, p. 743-768, 2022. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/josi.12568>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LICHTENSTEIN, Michael *et al.* Sentence completion to assess children's views about aging. **The Gerontologist**, Washington, v. 43, n. 6, p. 839-848, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/43.6.839>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LICHTENSTEIN, Michael *et al.* The positively aging teaching materials improve middle school students' images of older people. **The Gerontologist**, Washington, v. 41, n. 3, p. 322-332, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/41.3.322>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LUCCHINO, Ronald; LANE, William; FERGUSON, Kathleen Delia. Aging content in elementary and secondary school curriculum. **Gerontology & Geriatrics Education**, London, v. 18, n. 2, p. 37-49, 1997. Disponível em: https://doi.org/10.1300/J021v18n02_03. Acesso em: 16 dez. 2022.

LYONS, Charles *et al.* **Developing intergenerational programs jointly with the aging and child care networks in Pennsylvania**. Final report and executive summary. Pittsburgh: Pittsburgh University, 1985. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?q=posttest&ff1=pubReports+-+Evaluative&ff2=locPennsylvania&id=ED264041>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MARSHALL, Leni. Thinking differently about aging: Changing attitudes through the humanities. **The Gerontologist**, Washington, v. 55, n. 4, p. 519-525, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/gnu069>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MCGUIRE, Sandra Lynn. Aging education: A worldwide imperative. **Creative Education**, [s. l.], v. 8, n. 12, p. 1878-1891, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4236/ce.2017.812128>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MCGUIRE, Sandra Lynn. Counteracting ageism: Promoting accurate concepts about aging in young children. In: JALONGO, M. R.; CRAWFORD, P. A. (ed.). **Intergenerational Bonds**. The Contributions of Older Adults to Young Children's Lives. Berlin: Springer, 2021. p. 19-39. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-81965-1_2. Acesso em: 6 jun. 2023.

MCGUIRE, Sandra Lynn; KLEIN, Diane Austrin; COUPER, Donna. Aging education: a national imperative. **Education Gerontology**, [s. l.], v. 31, n. 6, p. 443-460, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03601270590928170>. Acesso em: 6 jun. 2023.

NERI, Anita Liberalesso (org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br//wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Plano estratégico da Organização Pan-Americana da Saúde 2020-2025: equidade, o coração da saúde**. Washington: OPAS, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52968/9789275722756_por.pdf?sequence=5. Acesso em: 6 jun. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington: OPAS, 2022. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872>. Acesso em: 16 dez. 2022.

OUZZANI, Mourad *et al.* Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic Reviews**, [s. l.], n. 5, 210, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PETERS, Eileen. **Teaching and learning about aging: Evaluation Report**. Washington: Department of Education, 1981. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED211410.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

PETERS, Micah *et al.* Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. **JBI Evidence Synthesis**, Adelaide, v. 18, n. 10, p. 2119-2126, 2020. Disponível em: <https://journals.lww.com/jbisrir/toc/2020/10000>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PETERSON, David. A history of the education of older learners. *In*: SHERRON, R. H.; LUMSDEN, D. B. (org.). **Introduction to educational gerontology**. Washington: Hemisphere Publishing Corporation, 1990. p. 1-22.

PETERSON, David. Educational gerontology: The state of the art. **Educational Gerontology**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 61-73, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03601277.1976.12049517>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PRATT, Fran. **What's it all about?** Washington: Department of Education, 1981. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED211405.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PRUSKI, Linda *et al.* The stealth gerontologytm program: training teachers to infuse aging and age-related content into public school classrooms. **Educational Gerontology**, [s. l.], v. 30, n. 8, p. 691-710, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03601270490483913>. Acesso em: 16 dez. 2022.

RAMÍREZ, Luisa; PALACIOS-ESPINOSA, Ximena. Stereotypes about old age, social support, aging anxiety, and evaluations of one's own health. **Journal of Social Issues**, Washington, v. 72, n. 1, p. 47-68, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josi.12155>. Acesso em: 16 dez. 2022.

REUBEN, Ng; INDRAN, Nicole; LIU, Luyao. Ageism narratives on Twitter during COVID-19. **Journal of Social Issues**, Washington, v. 78, n. 4, p. 842-859, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josi.12535>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTA CATARINA. **Política de educação para o envelhecimento.**

Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2022. Disponível em:

<http://online.anyflip.com/dgybz/rsec/mobile/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTOS, Jéssica Dellalibera dos; FLAUZINO, Karina de Lima; CACHIONI, Meire. Formação em educação para o envelhecimento de professores da educação básica: um protocolo de scoping review. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [s. l.], v. 11, n. 13, e537111335792, 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35792>. Acesso em: 22 maio 2024.

SANTOS, Jéssica Dellalibera dos; FLAUZINO, Karina de Lima; CACHIONI, Meire. Treinamento em educação para o envelhecimento de professores da educação básica: um protocolo de revisão de escopo. **OSF Project**, 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/HTVUF>. Acesso em: 22 maio 2024.

SARGENT-COX, Kerry. Ageism: We are our own worst enemy. **International Psychogeriatrics**, Milwaukee, v. 29, n. 1, p. 1-8, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1041610216001939>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SILVA, Marcela Fernandes *et al.* Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003082>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SIMONETTI, Marivane. **A constituição identitária do idoso na literatura infantojuvenil.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/14746>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SWEETLAND, Julie; VOLMERT, Andrew; O'NEIL, Moira. **Finding the frame: an empirical approach to reframing aging and ageism.** Washington: FrameWorks Institute, 2017. Disponível em: <https://www.frameworksinstitute.org/publication/finding-the-frame-an-empirical-approach-to-reframing-aging-and-ageism/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TODARO, Mônica de Ávila; CACHIONI, Meire. Representações da velhice: uma

análise dos desenhos de crianças, antes e depois de uma ação educativa gerontológica. **Horizontes**, Itatiba, v. 40, n. 1, e022045, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1212>. Acesso em: 6 jun. 2023.

TRICCO, Andrea *et al.* PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. **Annals of Internal Medicine**, Philadelphia, v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7326/M18-0850>. Acesso em: 16 dez. 2022.

VAUCLAIR, Christin-Melanie *et al.* Doddering but dear... even in the eyes of young children? Age stereotyping and prejudice in childhood and adolescence. **International Journal of Psychology**, [s. l.], v. 53, supl. 1, p. 63-70, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ijop.12430>. Acesso em: 6 jun. 2023.

WELLNER, Thomas; SPADAFORA, Pat. **Revera report on ageism: independence and choice as we age**. Ontario: Sheridan Centre for Elder Research and Revera, 2016. Disponível em: https://source.sheridancollege.ca/centres_elder_publ/32. Acesso em: 16 dez. 2022.

WIMSATT, Theila Joy. **An analysis of teaching periodicals for aging education content**. Dissertation (Doctor of Philosophy) - University of North Texas, Denton, 2001. Disponível em: <https://www.proquest.com/dissertations-theses/analysis-teaching-periodicals-aging-education/docview/304715176/se-2>. Acesso em: 16 dez. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Ageing and life-course: ageism**. Geneva: WHO, 2021a. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/ageing-ageism>. Acesso em: 16 dez. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Decade of Healthy Aging 2021-2030**. Geneva: WHO, 2021b. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/health-topics/Life-stages/healthy-ageing/news/news/2021/01/decade-of-healthy-ageing-2021-2030>. Acesso em: 16 dez. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global report on ageism**. Geneva: WHO, 2021c. Disponível em: <https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/demographic-change-and-healthy-ageing/combating-ageism/global-report-on-ageism>. Acesso em: 16 dez. 2022.

YAMASHIRO, Juliana Archiza. **Atitudes sobre a velhice e convivência intergeracional: professores, familiares e crianças do ensino fundamental**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10430>. Acesso em: 16 dez. 2022.

YE, Yuan; YAROSH, Svetlana. Beyond tutoring: Opportunities for intergenerational mentorship at a community level. Proceedings of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '19). **Association for Computing Machinery**, New York, paper 449, 1-14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3290605.3300679>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Recebido em: 13/06/2023

Aprovado em: 29/05/2024

Publicado em: 30/06/2024